

FINANÇAS

SEGUROS

Seguradoras prometem divulgar melhora no lucro do semestre

Entre as dez maiores, exceção deve ficar por conta do Porto Seguro por perdas com chuvas

DENISE BUENO
SÃO PAULO

A safra de balanços financeiros das seguradoras brasileiras no primeiro semestre deste ano será melhor do que o mesmo período do ano passado. Também serão resultados mais positivos do que os apresentados mundialmente pela indústria de seguros. Boa parte das seguradoras listadas em bolsas dos Estados Unidos e países da Europa apresenta lucro menor em razão de perdas com investimentos e de valor de mercado em razão da volatilidade dos mercados acionários, bem como pelas catástrofes naturais ocorridas neste ano.

No Brasil, apenas duas seguradoras estão na bolsa: Porto Seguro, com queda de 40% no lucro até maio, e SulAmérica, com alta de 115%. As seguradoras têm até o dia 31 de agosto para publica-

rem seus balanços auditados. Na próxima segunda-feira a Bradesco divulgará seus resultados juntamente com o banco. O grupo representa um terço do lucro total do setor de R\$ 3 bilhões até maio deste ano. Na terça-feira será a Itaú, que acumula queda no lucro até maio, mas deverá encerrar o ano com alta por já estar colhendo os frutos da reestruturação feita no último ano.

Segundo o consultor Francisco Galiza, o lucro total projetado de 2008 deve chegar ao patamar de R\$ 5 bilhões, pouco acima dos R\$ 4,7 bilhões em 2007 e R\$ 4,2 bilhões em 2006, considerando-se todos os ramos, com exceção de seguro saúde. "Acreditamos num resultado próximo ao do ano passado, que foi muito bom, pois as mudanças ocorridas, como regras de solvência, abertura do resseguro e algumas alterações acionárias como a compra da Indiana pela Liberty, Minas Brasil pela Zurich e participação acionária da Aliança da Bahia pelo BNP Investimentos deverão surtir efeitos só a partir do próximo

MAIORES GANHOS			
Bradesco detém em terço do lucro do setor (em R\$ milhões)			
Grupos	Lucro líquido Jan-mai/2008	Evolu-ção	
Bradesco	1.199	38	
Itaú	411	-3	
Caixa	283	31	
Banco do Brasil	234	38	
SulAmérica	203	115	
Porto Seguro	105	-40	
HSBC	97	14	
Mapfre	85	49	
Unicaua AIG	71	-22	
Icatu	51	-41	
Outros	306	-1	
Total	3.045	19	

Fonte: Dados da Susep agregados pela Siscorp

ano", diz Flávio Faggion, consultor da Consultoria Siscorp.

Claudio Contador, diretor de pesquisa e desenvolvimento de pesquisas da Funenseg, explica que as seguradoras brasileiras não registraram perdas com catástro-

fes ou grandes acidentes. Além disso, os investimentos estão concentrados em títulos do governo, que pagam as taxas mais altas do mundo. Para ele, ainda é cedo para saber como será o segundo semestre. A política monetária passou por mudanças e as taxas de juros voltaram a subir. Isso permitirá que as seguradoras comensem perdas operacionais com ganhos financeiros. No resto do mundo a situação está mais complicada. "Como a carteira de investimentos das seguradoras internacionais têm forte composição por suas previsões e retornos financeiros, Nash, que assumiu a presidência da Oppenheimer em 1974 e tornou-se chairman em 1979, contribuiu para o crescimento da companhia que já chegou a ser o segundo maior fundo mútuo do mundo.

Depois de vender a empresa em 1983 por US\$ 163 milhões, eles fundaram a Odyssey Partners, colocando US\$ 50 milhões do próprio bolso no fundo. "Muito do que eu sei hoje eu aprendi durante o meu curto período na

MEMÓRIA

Morre Nash, criador dos fundos de hedge

BLOOMBERG NEWS
NOVA YORK

Jack Nash, que escapou da Alemanha nazista e ajudou a criar os atuais fundos de hedge, faleceu aos 79 anos de idade. Ao longo de sua vida ele formou investidores como John Paulson.

Nash morreu na última quarta-feira no Mount Sinai Medical Center em Manhattan, segundo informou o "New York Sun", jornal que ele ajudou a fundar.

A sua carreira como investidor teve início na Oppenheimer, onde ele conheceu Leon Levy, formando uma parceria que duraria décadas e se tornaria legendaria por suas previsões e retornos financeiros. Nash, que assumiu a presidência da Oppenheimer em 1974 e tornou-se chairman em 1979, contribuiu para o crescimento da companhia que já chegou a ser o segundo maior fundo mútuo do mundo.

Depois de vender a empresa em 1983 por US\$ 163 milhões, eles fundaram a Odyssey Partners, colocando US\$ 50 milhões do próprio bolso no fundo. "Muito do que eu sei hoje eu aprendi durante o meu curto período na

Odyssey", afirmou Paulson, fundador da Paulson & Co em entrevista ontem por telefone. "Eles foram pioneiros no formato dos fundos de hedge."

A revista "Alpha", uma publicação do setor, incluiu os dois entre os 14 membros do "Hedge Fund Hall of Fame", ao lado de lendas como George Soros, Paul Tudor Jones e Julian Robertson. Eles foram os únicos sócios selecionados na lista da revista.

"Nós decidimos incluí-los porque eles estiveram muito à frente de seu tempo", explicou ontem o editor da "Alpha", Michael Peltz. "Se você observar o que eles estavam fazendo na década de 80, eles estavam investindo em public equity, private equity (ativos públicos e privados), ativismo, distensão e tudo sob um mesmo teto. Trabalhavam com o conceito que hoje chamamos de "multiestratégia", muito antes deste termo ter sido cunhado."

A Odyssey gerou retornos anuais da ordem de 22,4% ao longo de 15 anos. Os dois liquidaram o negócio em 1997 quando possuíam US\$ 3,3 bilhões sob sua administração.

BANCOS

Daycoval diversifica e deve lançar dois novos fundos

IOLANDA NASCIMENTO
SÃO PAULO

Está prestes a sair do forno um novo fundo de investimentos em direitos creditórios (FIDC) do Banco Daycoval. Ele começou a ser desenhado em abril último e atualmente está à espera de aprovação pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Será o primeiro FIDC do Daycoval lastreado em uma parte de sua carteira de financiamento de veículos e o segundo na história da empresa, que trabalha ainda no lançamento de um terceiro, disse ontem o diretor de relações com investidores do banco, Morris Dayan, após a divulgação dos resultados do segundo trimestre do Daycoval, cujo lucro líquido subiu 34,4% (R\$ 62,5 milhões) em função, principalmente, do aumento de 105,8% da carteira de crédito (R\$ 4,49 bilhões), na comparação com o mesmo intervalo de 2007.

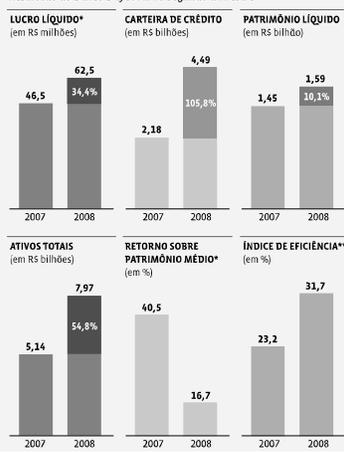
Especializada nos segmentos de middle market e crédito consignado e para o financiamento de veículos, a instituição colocou no mercado há dois anos um fundo lastreado em parte da carteira de alimentos, cujo patrimônio hoje está em R\$ 150 milhões. Conforme Dayan, o novo produto em lançamento será similar a este e no mesmo valor. Já o FIDC, com lastro na carteira de veículos será multissetorial e a primeira girará em torno de R\$ 100 milhões a R\$ 200 milhões, afirmou Dayan, acrescentando que ele será fechado, com prazo de quatro anos e taxa fixa para o investidor entre 110% e 112% do CDI (certificado de depósito interbancário).

Dayan observou que o objetivo é diversificar e manter o crescimento do funding em linha com o da carteira e para isso o Daycoval não descartará novas emissões externas — realizou duas entre junho e julho deste ano num total de US\$ 225 milhões. "O cenário externo está conturbado, mas se tiver uma janela, vamos fazer novas emissões." Conforme o executivo, o que limita o crescimento de um banco não é a sua capacidade de originar negócios e sim a capacidade de captar recursos. Nesse contexto, o banco atuou fortemente no segundo trimestre para elevar as captações em 31,9% em relação aos primeiros três meses de 2008 e em 77,6% em 12 meses, que atingiram R\$ 3,85 bilhões ao final de junho.

"Apesar do cenário hostil, tivemos muito sucesso", disse Dayan, acrescentando, porém, que não há problema de liquidez no mercado, mas sim de custo, hoje mais salgado. Os depósitos a prazo — alvo de investimento do banco para atração de novos clientes a fim de tam-

DESEMPENHO EM ALTA

Resultado do Banco Daycoval no segundo trimestre



Fonte: Banco Daycoval. *Excluem impactos do IPO recentemente do adquirente das cias comissões no segundo trimestre e no primeiro trimestre

bém formar funding com prazo e custos mais atrativos para suprir a carteira de middle — aumentaram 19,6% e 69,2%, respectivamente, para R\$ 2,45 bilhões, ou 63,5% do total captado. Os fundos de investimento tiveram a maior participação, com 53% do total, e alta de 108% em 12 meses.

O Daycoval busca diversificar em várias frentes. Em junho último, foi homologado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) como agente financeiro repassador. Dayan afirmou que o banco de fomento alocou "centenas de milhões", mas o Daycoval pretende ter uma carteira vinculada a esses recursos de apenas R\$ 300 milhões, em 12 meses. O executivo disse que a instituição decidiu se credenciar somente agora como agente do BNDES para manter sua estratégia de crescimento no middle, oferecendo mais um produto aos bons clientes. "É um dinheiro mais barato para os clientes, mas tem um spread menor com o mesmo risco. Entretanto, os bons clientes merecem." A instituição já apresentou aos bancos as primeiras propostas no BNDES, em torno de R\$ 15 milhões, que devem ser liberadas em agosto.

O segmento de middle market continuou o mais forte na carteira de crédito do banco, ficando

com R\$ 2,62 bilhões, alta de 14,2% ante o primeiro trimestre e de 57,2% em 12 meses. Mesmo com a diversificação do Daycoval para o varejo, Dayan disse que o máximo esperado para esse segmento do total dos empréstimos é de 40%, ficando a carteira de middle e trade finance em torno de 60%. Hoje, veículos respondem por 18%, consignado por 17% e middle por 65%.

A carteira de veículos totalizou R\$ 822,4 milhões, aumento de 23,6% em relação ao primeiro trimestre, e a de consignado subiu 18,9%, para R\$ 770,1 milhões. Dayan acredita que as medidas do Banco Central para conter a inflação, com elevação dos juros, devem reduzir o ritmo do crescimento da demanda por crédito, mas estima que o Daycoval manterá o desempenho também neste trimestre.



Operadores observam com atenção o sobe-e-desce das cotações das bolsas em Wall Street

MERCADOS GLOBAIS

Petróleo e dados econômicos derrubam as bolsas em NY

REUTERS
NOVA YORK E LONDRES

As bolsas norte americanas fecharam em queda ontem, puxadas pela Exxon Mobil após seus resultados saírem abaixo do esperado pelo mercado e dados econômicos frustrantes revivendo os temores de uma recessão.

O Dow Jones cedeu 1,78%, a 11.378 pontos. O S&P 500 caiu 1,31%, a 1.267 pontos. O Nasdaq recuou 0,18% a 2.325 pontos. Mesmo com o declínio desta sessão, o Dow e o Nasdaq fecharam o mês em alta, ajudados pelo pior mês para o petróleo desde dezembro 2004. O S&P 500

fechou o mês com baixa de 1%. A queda dos lucros da Exxon Mobil, junto com um recuo de 2% dos preços do petróleo, puxaram as ações da gigante petrolífera, que perderam 5%.

O principal índice de ações europeias fechou estável, em uma sessão volátil após dados econômicos nos Estados Unidos e uma série de resultados corporativos no continente. O índice FTSEurofirst 300 teve variação positiva de 0,05%, a 1.180 pontos.

Os lucros corporativos não tiveram tendência definida. O banco britânico HBOS surpreendeu investidores com um resultado

melhor que o esperado no primeiro semestre. As ações da instituição subiram 7,1%.

Já o setor de alimentos foi o principal destaque negativo após a Unilever divulgar lucro "de baixa qualidade" no segundo trimestre, de acordo com analistas. As ações da empresa descaíram 8% em Londres, derrubando as concorrentes Danone e Nestlé em 0,9% e 2,2%, respectivamente.

Em Londres, o índice Financial Times fechou em baixa de 0,16%, a 5.411 pontos. Em Frankfurt, o índice DAX subiu 0,3%, para 6.479 pontos. Em Paris, o CAC-40 caiu 0,19% para 4.392 pontos.

ESTRATÉGIA

Brasil lidera gastos corporativos na AL

REDAÇÃO
SÃO PAULO

As despesas comerciais mundiais chegaram a US\$ 77,3 trilhões em 2007, um aumento de 12,2% em relação aos US\$ 68,9 trilhões gerados em 2006. O índice de Gasto com Consumo Comercial (Commercial Consumption Expenditure - CCE), utilizada na definição de estratégias de meio de pagamento, foi divulgada ontem pela Visa. O Brasil foi o país que registrou o maior gasto comercial anual da região América Latina com US\$ 1,8 trilhão em 2007, um aumento de 20,4% em relação ao ano de 2006

Segundo o índice da Visa, os gastos em todas as áreas geográficas globais cresceram durante 2007. A Europa representou a maior parte desses gastos comerciais (34,6%), seguida pelos EUA (25,3%), Ásia-Pacífico (24,5%), Europa Central/Leste/Oriente Médio/África (6,7%), América Latina/Caribe (5,8%) e Canadá (3%). "Junto com a gama de produtos comerciais da Visa, o índice auxilia os bancos a atenderem de uma forma melhor empresas de todos os tamanhos, no gerenciamento de seus pagamentos comerciais", diz Darren Parslow, líder global de Produtos Comerciais da Visa.

CRISE

Lucro do Deutsch cai a US\$ 1 bi

REUTERS
FRANKFURT

O Deutsche Bank anunciou ontem novas baixas contábeis, elevando o total de perdas decorrentes da crise financeira global para mais de US\$ 11 bilhões. A instituição financeira alemã anteriormente era vista como uma das poucas que poderia sair ileso da crise, mas o lucro antes de impostos do grupo no segundo trimestre caiu para € 642 milhões (US\$ 1 bilhão), bem abaixo dos € 2,7 bilhões de igual período do ano passado. O Deutsche registrou uma baixa contábil de € 1 bilhão em ativos de hipotecas residenciais.